



onde se obtinham com dificuldade as coisas mais mezinhas noutras partes (REIS, p. 196).

Apesar de o Amazonas ter sido elevado à categoria de província em setembro de 1850, a instalação de fato só ocorreu em 1 de janeiro de 1852, quando chegou a cidade seu primeiro presidente, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Com ele a imprensa se fez importante e necessária na região, convidou Manoel da Silva Ramos, tipógrafo, natural do Pará, para se estabelecer em Manaus, responsável pelo jornal de 1852 a 1857, mudança ocorrida em 1857 a 1865. Em que o diretor foi seu irmão Francisco José da Silva Ramos. Já com o nome de Estrella do Amazonas teve aumento do seu formato em 1864, com áreas políticas desenvolvidas as seções comerciais e de notícias ampliadas, foi publicado até 30 de junho de 1865.

O jornal trazia na sua primeira página, o brasão das Armas do Império entre seu nome, seu formato era de 18 x 26 cm, tendo quatro paginas e duas colunas em um caderno, o local de publicação era a Rua Fortaleza e a Rua Manaus (figura 1).

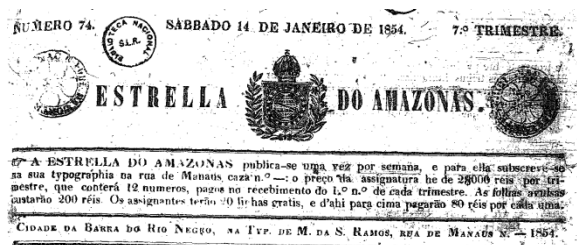


Figura 1: Frontispício– Jornal Estrella do Amazonas

Fonte: Setor de microfilmagens (Laboratório de História da Imprensa no Amazonas, 2013).

O jornal se tornou realidade, principalmente para justificar e dar legitimidade para a recém-criada província, por isso seu conteúdo era quase que exclusivamente político, com os editais do governo, os discursos do presidente de província e notícias do império e os avisos, tema central do artigo.

A imprensa, até 1870, interessando-se quase que unicamente pelos assuntos partidários ou pelos problemas econômicos e materiais da Província, não oferecia feição agradável. Os jornais eram pesadões, escritos em linguagem violenta, deixando de parte o noticiário local.” Sofrendo melhoria a partir de 1870 (REIS, 1998).

A economia da região estava baseada no extrativismo vegetal, produtos como a mandioca, o tabaco e o algodão. Devido à falta de investimentos na região e sua cultura



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

indígena de subsistência não havia um maior desenvolvimento das lavouras. A mão de obra era quase que exclusiva de indígena. Tornando as atividades manufatureiras, no ligadas ao extrativismo dos produtos retirados da floresta. Outra dificuldade já citada era a falta de mão de obra especializada, para os mais variados tipos de trabalho na cidade.

Em 1853 as atividades mencionadas além da extração dos produtos vegetais são a pescaria e a salga do peixe, a fabricação da manteiga de peixe boi e dos ovos de tartaruga e a tecelagem de redes de algodão de palha e de fibras diversas palmeiras. Em 1855 foi considerada a existência de uma fábrica de chapéus com serias dificuldade de funcionamento por falta de operários (ibid, p. 4).

No comércio, setor recorrente nos avisos, o maior problema era devido às distâncias, com as quais a cidade se encontra em isolamento até os dias de hoje com os grandes centros econômicos do país, por via terrestre. Todos os produtos tinham saída pelos portos paraenses, dificultando a negociação direta de produtores e exportadores. A sua ligação com o resto do país e o mundo se dava através do Pará.

Sem ligação direta com os mercados externos, em função do seu isolamento, da grande extensão territorial, das grandes distâncias e as dificuldades de comunicação. A vinculação da região do Rio Negro com a atividade exportadora se fez, portanto através do Pará (LIMA, 1978).

A população na Barra do Rio Negro era de maioria indígena, sendo seus jornais publicados para uma minoria branca. Outro agravante para a introdução nos jornais na região do jornal era o domínio da língua portuguesa, com uma população indígena de tradição oral, os periódicos não tiveram grande impacto na realidade desses povos.

Em 1852 a população branca de Manaus, capital da recém criada Província do Amazonas, mantinha percentuais ainda mais baixos. Enquanto a população total era estimada em 8.500 habitantes, os moradores brancos somavam apenas 900 almas(ou 10,5% do total), contra 2.500 mamelucos, 4.080 índios, 640 mestiços e 380 escravos negros (PINHEIRO, 2001).

Maria Luiza Ugarte Pinheiro analisa o florescimento do periodismo no Amazonas, estando ligado a um conjunto amplo de fatores, indo desde uma conjuntura econômica em expansão até a lenta ampliação dos espaços da cultura letrada no interior da sociedade local.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Ao analisar o surgimento e a dinâmica da imprensa no Amazonas, perceber não só as limitações estruturais, mas também as estratégias empreendidas pela cultura letrada para se impor dentro desse contexto cultural adverso. (...) como a utilização de novas linguagens- humor, a charge e a caricatura- no interior do periodismo pode se constituir em mecanismo que expressam não só tensões, mas também mediações com o universo oral local (Ibid. p. 55).

Com isso os estudos da sociedade através dos anúncios como fonte, se torna uma forma de reconstruir a história de uma cidade, dos seus conflitos, interesses e grupos sociais. A imprensa assume um papel importante principalmente os jornais oficiais, como o caso do Estrela do Amazonas, mas mesmo esses periódicos acabam por no seu interior deixar lacunas e contradições, que em nosso caso é a coluna *Avisos* às quais acabam denunciando seus reais interesses que na maioria das vezes eram os mesmos interesses do governo. Implantar uma sociedade civilizada, que encontrava no modelo europeu seu reflexo.

Nessa época, em fins da década de 50, a região possuía ainda uma economia com pouco destaque e com aspectos urbanos ainda acanhados. Isso não impedia que a incipiente população local não sentisse a necessidade de se sintonizar com o que ocorria de moderno na corte e nos outros centros urbanos considerados mais importantes, como Paris. Dessa forma, é interessante notar que, mesmo que havendo somente um esboço, existia a preocupação, pelo menos de uma parte da população, sobre a necessidade de se identificar com esse modelo de lazeres, de vida e convenções sociais provenientes da Europa (VILLANOVA, 2008, p. 49).

A importância da propaganda

Analisando os anúncios e propagandas, compreendemos as transformações urbanas que a cidade sofreu como anúncios de venda e aluguel de imóveis em bairros que antes não existia, a herança indígena presente nas construções anunciadas como casa com telhas de palha e feitas de madeira, identificamos as mudanças sociais da elite como a busca por produtos estrangeiros sempre anunciados nos armazéns da cidade, que não poupavam esforços para informar a origem estrangeira dos produtos, propagandas de aulas particulares de francês, a fuga de escravos apresentando uma sociedade escravocrata como no resto do Brasil, os reclames apresentam uma sociedade em transformação.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

A mensagem veiculada pela propaganda e publicidade passou a conformar a mentalidade do período, tarefa estimulante numa sociedade em transformação, na qual pululavam valores, na sua maioria alienígenas, em competição sistemática com o momento de recuperação e valorização de nossas origens (MARTINS, 2001).

A historiografia a cerca dos anúncios de jornais como fontes de pesquisa, ainda são relativamente tímidas, encontramos o artigo de Denise Sant’Anna sobre a Propaganda e História: antigos problemas, novas questões, em que a autora informa sobre a utilização e receios da utilização desse tipo de fonte. Apresentando as dificuldades metodológicas de se lidar com esse tipo de fonte e suas vantagens.

A propaganda como fonte de estudo ainda suscita dúvidas metodológicas importantes, referentes, por exemplo, à análise das ilustrações, várias vezes acompanham os anúncios, à compreensão do texto escrito, ora longo, ora extremamente breve, e à relação entre texto e imagem. Há, ainda, o desafio de estudar os clichês e as palavras de ordem repetitivas, tão frequentes em propaganda, e que podem dar a errônea impressão de que sua produção se situaria fora da história (SANT’ANNA, 2007).

Estudar a propaganda requer a um estudo mais amplo, não só a análise do discurso, mas a necessidade de compreender, a história dos meios de comunicação, da imprensa e semióticas dos avisos. Sant’Anna informa que ao estudarmos os anúncios temos que analisar questões para deles “Somente desse modo escaparíamos à tentação de dar conta de todo um período histórico ou de todos os significados contidos num mesmo anúncio ou numa mesma série de anúncios (IBid. p. 94)”. As perguntas que surgem referidas as fontes com o objeto de estudo e inúmeras relações entre elas, devem ser analisadas ao longo do estudo da fonte.

Heloisa de Faria Cruz em *A Cidade do Reclame: propaganda e periodismo em São Paulo (1890 – 1915)* Analisa o papel da publicidade no processo de formação do público leitor. A autora informa a importância de pesquisar essa fonte “a historicidade das relações entre propaganda e vida social apresenta-se como um campo aberto à indagação e à pesquisa” (CRUZ, 1996, p. 81), levando a compreender o leque aberto de compreender a sociedade pelos anúncios. A autora compreende a importância “de que o lugar da imprensa na reestruturação da esfera pública burguesa e sobre o papel da publicidade no processo de



formação dos públicos e na popularização do periodismo e da cultura letrada”.

Assim com o aumento da popularidade dos jornais e de como eles vão ganhando espaços na historiografia. Tornando a propaganda um campo vasto de estudos e interpretações tendo várias funções sócias, e maneiras de compreender um determinado espaço e tempo, como Bahia descreve.

O anúncio é uma das mais antigas formas de comunicação social. Ele antecede a própria organização do comércio e tem suas origens nas primeiras manifestações conscientes do home para persuadir o vizinho (BAHIA, p. 283).

Os reclames

Os anúncios analisados no referido trabalhos, foram coletados no arquivo digital do LHIA - Laboratório de História da Imprensa no Amazonas, estando microfilmados e digitalizados. Os jornais Estrella do Amazonas, que estão nestes arquivos vão de janeiro de 1854 a dezembro de 1859. Respectivamente do número 73 ao 421. Segundo Juarez Bahia, os anúncios, antes de 1915 ainda era simples e diretos, as gráficas ainda não possuíam maquinários que possibilitassem uma maior complexidade dos reclames.

Entretanto, as técnicas de publicidade, como são desenvolvidas modernamente pelas agências especializadas, só depois de 1915 começam a ser praticadas. Predominaram ainda por longo tempo os recursos primários e diretos do anúncio classificado ou da comunicação formal, que desprezava a valorização da mensagem, como na informação oficial ou na pura e simples transmissão de um aviso (Ibid. p. 168).

Os anúncios do *Estrella do Amazonas* em sua maioria são de estruturas simples, poucas linhas, os chamados “tijolos”, quadrados e sem muita expressão, porém existem reclames maiores e com desenhos.

Até então, na imprensa diária, na forma de classificados, quase pregões-vende-se, procura-se, oferece-se- que na maioria das vezes, consistiam em pequenas notas e/ou declarações de pessoas “de autoridade” discorrendo sobre as qualidades de produto, a variedade do sortimento de alguma casa comercial, as vantagens de um serviço prestado e as características de um objeto perdido; ou ainda como “tijolo” comerciais arrumados sem menor cuidado na última contra-capa, a propaganda pouco evoluía (CRUZ, 1996, p. 85).



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Quem era o público anunciante da cidade de Manaus? Podemos identificar a partir dos principais prestadores de serviços na época como sendo os anunciantes, mesmo com um número pequeno de comerciantes os anúncios eram frequentes. Ao longo da análise dos reclames identificamos esses poucos estabelecimentos comerciais.

Uma ideia das limitadas dimensões da economia amazonense neste momento inicial, basta lembrar que , em 1864, dos 69 estabelecimentos comerciais localizados na capital da Província (Manaus), nada menos que 55 eram compostos de pequenas casas comerciais varejistas.” Pg 66 os restantes era 1 botica, 1 escritório comercial, 1 hospedaria, 2 alfaiatarias, 2 açougues, 3 lojas de sapateiros e 4 padarias (PINHEIRO, 2001, p. 66).

A respeito da educação, um dos grandes problemas da região devido à oralidade e a pouca fluência da língua portuguesa, devido aos idiomas indígenas. Deparamo-nos em anúncios de aulas particulares e as oferecidas no seminário público, onde o português não é oferecido em aulas, mas o francês, geografia e história. Aulas de música aparecem com dias e horários. O que comprova o descompromisso com o ensino na região.

A pequena elite letrada existente em Manaus vinha de outras províncias, e chegavam à região com uma educação estruturada, como era o caso dos governadores. Os que aqui nasciam realizavam a instrução fora da província do Amazonas, já que a composição básica da escola pública era deficiente, fazendo com que famílias não poupassem esforços para levar seus filhos, até fora do país, visando à realização dos estudos. Por conseguinte, o ensino particular e pago estava restrito a uma pequena população. Os anúncios sobre aulas de línguas estrangeiras e instrução já eram observados nos periódicos locais em fins da década de 60 (VILLANOVA, 2008, p. 76).

Reclames que fazem a distinção de gênero como do professor José Pedro Paraguassú que ensina francês e português para meninos a 3\$000 reis e sua “Senhora” ensina português falado e escrito, Doutrina Chritã e costura a 2\$000 mensais. Assim, como os produtos destinados a homens e mulheres como na loja de Miguel Maria de Assumpção Lopes, tem para vender chapéus pretos para homem da ultima moda, cortes de chalin para vestidos de senhora, analisando os anúncios dos jornais.

Outro anuncio que aparece frequentemente são os avisos de saída e chegada de navios a capital, vindo geralmente de Belém. Barcos que traziam muito dos produtos comercializados nos jornais. Frequentemente apareciam imagens nesses anúncios de pequenos barcos a vapor, ao lado direito da propaganda.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Os secos e molhados que eram os produtos como cal, sal, manteiga, bolacha inglesa, açúcar, os artigos secos e molhados, a farinha que vinha do Pará, vendida a bons preços na Costa & C^a eram oferecidos em armazéns (Estrella do Amazonas. Manaus, 18 de jul. 1854). Os anunciantes informavam as trocas de nomes e donos das empresas anunciantes, como ocorreu com a Costa & C^a que em dois anos informa que se chamaria de Antonio Joaquim Costa & Irmão, seus produtos continuaram no ramo de armarinhos e estivas em geral.

A maioria dos anúncios apresentava o preço dos produtos, o que permitia deduzir o poder de comprar das camadas mais abastadas, como o aviso do número 133 da loja do legítimo barateiro Antônio Joaquim da Costa & Irmão, há para vender as seguintes mercadorias, a dinheiro à vista, chegados ultimamente no vapor Tabatinga, pelos módicos preços seguintes: riscadinhos encarnados de quase uma vara de lavoro a 320 réis o côvado, ditos de cores a 280 réis, ditos a crimeia a 240 réis, ganga azul a 200 réis, riscados americanos para calça ou camisa a 240 réis o côvado, cortes de cassa larga a 3\$000, dril de linho pardo muito superior a (340 réis o côvado, riscadinhos franceses de bom gosto para camisas a 240 réis, ditos de outros gostos a 220 réis, lenços de cor para pescoço ou algibeira a 400 réis e a 320, dril de lista para calças a 400 réis o côvado, ditos de algodão e linho a 640 réis o côvado, chita fina a 240 réis o côvado, e outras muitas fazendas e miudezas que se vendem muito barato, e a vista faz fé. O que podemos constatar a chegada de navios vindo de outra região que não do Pará, com produtos variados.

Lojas de produtos importados não poupavam referências à exclusividade dos seus produtos, como na loja do barateiro Miguel Maria d'Assumpção Lopes, na Rua de Manaus, tem para vender um completo sortimento de molhados, á saber; manteiga inglesa, 1200 a libra; boião de doce de Lisboa de todas as qualidades e outros muitos objetos, que se venderão por pouco dinheiro. Na mesma loja em anúncio de agosto do mesmo ano, relata a venda de chapéus vindo do Chile e franceses para homens de vários preços. Alguns informavam a marca, para destacar a qualidade superior, a carne seca de Obidos, o *cal de Sarnamby*, vendido na Loja de Leonardo Ferreira Marques, no mesmo reclame anunciava a compra de escravos de 18 a 30 anos de idade. Sendo esse anunciante o reclame que mais se repetiu um total de 7 vezes, foi o da loja de Leonardo Ferreira Marques, bastante longo com uma media de 40 linhas por anuncio, em que o destaque estavam em anunciar os



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

produtos que acabaram de chegar da França, como uma grande variedade de louças em porcelanas, chapéus de pelo de seda para homens e de sol para mulheres, tecidos diferenciados como Sarja de seda, cetim, pano de chitas, linho e algodão. Apresentando uma sociedade que se espelhava nas sociedades europeias.

O próprio jornal antes do anúncio em julho de 1856, faz um comentário sobre o grande número de embarcações e chegada de produtos ao comércio da cidade.

O nosso commercio vai parecendo animar-se. Durante a quinzena tem estado o nosso porto coberto de embarcações, que de todos os pontos da provincia vem trazer a capital os productos naturaes ou manufacturados, que devem alimentar as permutações e a nossa praça, permittindo-nos uma exportação vantajosa. A respeito do commercio muito teríamos a dizer se não temêssemos fátigar o leitor. E nos guardamos para o fazer em um artigo especial. E por hoje bastado palestra. Faço as minhas despedida a familia por estes quinze dias, desejando a todos muita ventura (Estrella do Amazonas. Manaus, 3 de julho de 1856).

Em muitos anúncios de compra e venda, não eram identificados os vendedores, sendo postado que era para o interessado se dirigir a tipografia, que seriam informados sobre os relativos compradores e vendedores. Como compra de montaria, armação de loja envidraçada, uma montaria possante, banheira, embarcações. No número 157 há a seguinte publicação: *N'esta Typographia-se dirá quem vende uma rede de lancear peixe-boi, grande e nova.* No número 161 há venda de uma banheira, compra de uma montaria.

As fugas de escravos aparecem recorrentemente, muitos trazem o nome e os donos, a descrição física dos negros fugidos, como baixo e gordo, espigado e alto, a costa marcada por ter sido castigado, no número 131 de 1856 o escravo do Alferes Miguel Gabriel Baptista, morador no lago grande de Villa Franca, havia fugido o seu escravo Fidelis de 19 anos, baixo, grosso do corpo, dentes podres, sem que tenha falta d'algum na frente; fala pouco, anda vagaroso; tem as nádegas surradas, e na perna esquerda, para a parte de dentro e 3 dedos á cima do tornozelo, uma picada de arraia cicatrizada, é mulato. Uma descrição detalhada dos cativos fugitivos.

Alguns o ato da fuga são bem descritos como ocorre no número 128, que descreve a fuga da escrava Joaquina que pertencia a Antonio Jose Lopes Braga, escrava de 18 anos, altura regular, gorda e *bem parecida, e é muito falladeir*; teria fugido as 8 horas da noite do dia 21, teria fugido com um vestido de chita rosa e camisa de riscadinho rosa também. O relato “desconfia” que a escrava teria sido seduzida por um índio de nome José



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Maria, o qual teria fugido da Escuna do Sr. França, o dono da escrava era o Luiz Antonia Lopes Braga morador na Rua dos Mercadores, afirmava que gratificava e protestava contra quem ajuda-se na fuga da cativa. O que comprovava a pratica de escravidão na região

No entanto, essas mudanças se processavam em nosso país, e especificamente em Manaus, de maneira aparente, vistas nas roupas, nos modos de portar, nos espetáculos teatrais. Embora houvesse modificações na estrutura econômica e social, prevalecia ainda uma grande distância de um ideal civilizador e modernizador diante da realidade local. Isso persistia na escravidão do negro, na exploração do indígena e na estrutura da sociedade, que era hierarquizada, violenta e desigual (VILLANOVA, 2008, p. 65).

Era comum a repetição de avisos, porém esses raramente passavam de três jornais repetidos, a casos, porém, que superam essa marca, e ao longo eles também eram modificados, no número 157, a loja do legitimo Barateiro no reclame já avisava “tem para vender alem dos objetos já anunciados”, dando uma continuidade aos anúncios anteriores.

Há lugares na cidade que se destacam nos anúncios como o largo da Imperatriz, a onde ficava o hotel da Confluência que oferecia refeições a qualquer hora do dia e na casa, *os fregueses podem contratar para terem comida na sua caza*, hotel também tem seu lado caridoso e aos domingos e dias santos serve chá da noite às 7 horas grátis. A padaria que ficava na mesma região, informava que tinham pão fresco, bolos e biscoitos todos os dias, e que recebiam *qualquer encomenda dentro e fora da Capital*. Na Rua do Oriente a loja de Miguel Maria de Assumpção Lopes vende charutos a caixa e a unidade, como também o pirarucu. Na Rua Brasileira a loja de Mendonça, Leão & Cia. Apresenta um dos primeiros anúncios do jornal com um bordão em que aparece a imagem de uma mão apontando para a frase *BOM E BARATO*. O reclame ainda é bem estruturado com a separação dos produtos conforme seu publico alvo, como os livros e materiais escolares destinadas aos *JOVENS ESTUDANTES*, livros de variadas matérias. Ele pulava uma linha e continuava *PARA O BOM TOM* pulando outra linha descrevia que continha óleos para perfumes, banha, pomadas, boa massa e superior manteiga de vaca. O bordão surge novamente no número 154 com as mesmas mãos apontando para o enunciado *Mais barato que nunca*, na bem conhecida loja do legitimo barateiro ha á venda os seguintes objetos chegado ultimamente na Barca Rio Negro, a saber. Outro lugar de vendas de livros é o bazar Amazoniense que publicava em meio de outra mercadoria os manuais enciclopédicos métodos facilimos para



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

as escolas do ensino primário, cartilhas de Sarmento e Pimente (Estrella do Amazonas. Manaus, 25 de junho de 1856).

Os estilos de moradia aparecem nos anúncios do período. Apresenta-nos como as moradias estão ligadas a cultura indígena. Como o que ocorre em novembro de 1854, de uma casa a venda *coberta de palhas, e quarto de telhas, com bastante acomodações para uma família*. Como o anúncio de venda de casas e sítios nos Tarumans. No número 125 de novembro de 1855 é anunciada uma *casa velha cuberta de palha, com frente para rua da Lua, canto e frente para o Igarapé*. No mesmo jornal a respeito da venda de casas um anuncio que chama a atenção é o de Anna Joaquina da Silva que informa que sabendo que seu marido Flauzino Jose de Trintade pretende vender uma casa que eles possuem no lugar da Boa Vista, *previne que ninguém contracte a compra da dita caza pois que nella não concorda a annunciante*. No número 192 é posta a venda uma casa de palha na Rua Mánaos.

As cidades coloniais, mesmo durante o império, em especial aquelas que estavam longe da grande produção dos produtos exportadores (e Manaus se incluía nesse contexto), possuíam características predominantemente rurais. A maioria dos núcleos urbanos, de acordo com os viajantes, ou segundo sua visão, possuía um aspecto descuidado, sendo imprecisa a separação entre as zonas rurais e urbanas. Era corriqueiro animais pastando pelas ruas, abastecimento de água feito pelos rios ou igarapés, ruelas sem iluminação, construções feitas de taipa e palha (VILLANOVA, p. 43).

No número 168 encontramos a venda de um sitio denominado ouvidor, com árvores frutíferas e com posse de um quarto de léguas de frente com uma pequena casinha de vivenda a margem direita do Rio-Negro, muito próximo a está cidade, os interessados deveriam comparecer a tipografia para saber com quem tratar. Não era muito comum anúncio sobre alugueis, porém, eles existiram como do número 198 Aluga-se um quarto de casa na travessa da Olaria desta cidade e os interessados teriam que ir à tipografia saber quem era o anunciante.

A venda de remédios já aparecia nos aviso, não foram constantes nos periódicos analisados. Um interessante foi o *Balsamo Homogeneo-Simpatico de Pedro Garbazza(cirurgião italiano)* produto aprovado em Roma, Milão, Rio de Janeiro e outros, curava *feridas de todos os gêneros, ulcera, escorbuto, sarna, erysipelas, reumatismo, inchações,*



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

fraquezas nas articulações, queimaduras, fistulas, lombrigas, não exceptuando a tênia ou solitaria, mordedura e picadas de qualquer animal o mais venenoso que seja, irregularidade da falta de menstruação, etc. tudo isso na casa de Jeronimo Costa. Remédios milagrosos, assim como o Xarope de Saúde do Chimico Arrantt O interessante que o anuncio era feito pelo próprio fabricante o que indicava isso era que ele apresentava os lugares de venda como as lojas de Francisco Antônio Monteiro Tapajós, Praça da Imperatriz; e na do Legítimo Barateiro, Travessa do Oriente (Estrella do Amazonas. Manaus, 21 de janeiro de 1857).

Podemos observar que a venda de bebidas na cidade, já era uma questão consolidada, varias mercearias. As bebidas alcoólicas eram encontradas com facilidades nos anúncios pesquisados, como na loja do Francisco Mendonça & Comp^a em que os preços acompanhavam as mercadorias: a cachaça 12\$000, o vinho tinto e branco a 2\$000, garrafas de licor a 8\$000 (Estrella do Amazonas. Manaus, 15 de março de 1856), cabe investigar o preço de a cachaça ser superior as outras, que pode estar ligado ao trabalho extrativista, pois a pinga era um produto valorizado. No Bazar Amazoniense anunciava bebidas de superior qualidades como o champagne, absinto considerada a bebida dos artistas do final do século XIX, conhaque e outras muitas miudezas ultimamente recebidos pela Barca Rio Negro (Estrella do Amazonas. Manaus, 28 de maio de 1856), na mesma anunciava a venda de charutos. Na loja do barateiro Miguel Maria d'Assumpção Lopes, na Rua de Manaus, cerveja preta e branca; marca índia (Estrella do Amazonas. Manaus, 25 de julho de 1856). Produtos consumidos por uma elite local, tendo em vista seus preços e especificidades.

A sorte também era anunciada no jornal de julho de 1855 a loja do legitimo barateiro vendia bilhetes de loterias de N. S. de Nazareth. Um aviso era feito por Joaquim José da Silva Pingarilho que declarava ter perdido o Bilhete n.º 70 da Loteria de S. Sebastião, por este motivo preveniu ao Sr. Tesoureiro da dita irmandade, para que no caso de ser premiado o dito bilhete não entregue a outrem, o que lhe couber em sorte, visto que ele é o seu verdadeiro dono, Manaus 21 de Janeiro de 1857.

As imagens não eram muito comuns nos reclames e eram bem rudimentares, no número 141, encontramos três imagens a de uma embarcação, sobre a venda de uma igarité, e imagens de dois escravos fugindo, sendo o primeiro um desenho de um escravo



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

fugindo descalço, usando camisa e calças, com uma trouxa de roupas amarrada em uma vara sobre os ombros. A partir desse número a quantidade de anúncios com imagens, teve um significativo aumento e continuou nos jornais, o jornal 142 apresenta três figuras, o desenho de um prédio sobre o alugue da rocinha do aterro, a imagem de um veleiro para a venda de uma “cobertinha” e a imagem que geralmente aparecia nas notícias de fugas de escravos, de um escravo fugindo descalço, com calça e camiseta e sua trouxa de roupas, porém, esse aumento não foi constante, sendo mais adiante alguns jornais não apresentam imagens. Essas imagens se repetem em outros anúncios de produtos semelhantes, como no número 145 em que a imagem do prédio é usada para vender um sitio. O interessante dessas imagens, que elas apresentam produtos mais requintados dos que os propriamente descritos nos avisos.

Objetos de trabalho como martelos para carpinteiros, ditos e colheres para pedreiros eram anunciados e ferragens no bazar Amazoniense⁴⁹. Interessante, pois mão de obra na região era escassa. Segundo Otoni Mesquita o quadro de operários da província era composto por um mestre de obras, oito pedreiros, três carpinteiros, dois oleiros, dois aprendizes de ferreiro e quarenta trabalhadores sem ofícios. O anúncio era feito para esses oito pedreiros e eles sabiam ler? Os anunciantes muitas vezes eram os próprios assinantes do jornal, visto que no cabeçalho do jornal informava que os assinantes tinham direito a vinte linhas.

Considerações Finais

Essa análise dos anúncios publicados no Estrella do Amazonas, abrem as portas para compreensão do período e da sociedade, por intermédio dos seus produtos e serviços oferecidos no início da província e em seu primeiro jornal.

O artigo abre espaço para que novos argumentos sobre a imprensa, buscando a análise de diferentes pontos de vista, como a propaganda. Compreendendo que a várias formas de se trabalhar com os periódicos na região norte, tendo em vista a carência de trabalhos, que falem e utilizem os periódicos, o jornal Estrella do Amazonas tem muito a ser analisado, tendo em vista que o trabalho analisou somente umas de suas seções.

⁴⁹ Estrella do Amazonas. Manaus, 28 de junho de 1856.



Deixando de fora um vasto material, há necessidade de um maior aprofundamento sobre o período Provincial no Amazonas.

O trabalho não se dá por encerrado, pois ficaram muitas lacunas a serem preenchidas, como uma melhor análise das imagens contidas nas propagandas as notas e mensagens que vinham antes dos avisos, algumas eram poesias, outras mensagens de anedotas, quais eram as relações dessas mensagens com a população e a reação deles com elas. Ficando para estudos posteriores.

Bibliografia:

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica, história da imprensa brasileira.** São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CRUZ, Heloísa de Faria. **A cidade do Reclame: Propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915.** . **Projeto História.** São Paulo, nº 13, p. 81-92, jun/1996.

_____. “Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa”. **Projeto História,** São Paulo, nº 35, 2007

FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950) – Catálogo de Jornais.** Manaus, Editora Calderaro, 1990.

LIMA, Regina Márcia de Jesus. **A Província do Sistema Político do Segundo Reinado(1852-1889).** Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense, 1978.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910.** 3ª ed. Manaus: Editora Valer e Uninorte, 2006.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: Periodismo e Cultura Letrada no Amazonas (1880-1920).** Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2001.



REIS, Arthur C. F. **História do Amazonas**, 2ª ed. Belo Horizonte. Itatiaia, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. Projeto História**. São Paulo, nº 14, p. 89-112, fev/1997.

VILLANOVA, Simone. **Sociabilidade e Cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900)**. Dissertação de Mestrado em História. Manaus. Universidade Federal do Amazonas, 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A Imprensa Como Fonte Para Pesquisa Histórica**. Projeto História, nº 3. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984, p. 47-54.

ZICMAN, Renée Barata. **História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas**. Projeto História, nº 4. São Paulo: Educ, 1985, p. 89-102.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Etnoperiodismo: estudos históricos sobre grupos étnicos, comunidades imigrantes e minorias sociais no Brasil através da imprensa

Prof. Dr. Geraldo Sá Peixoto Pinheiro (CITCEM-UP/Portugal)⁵⁰

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo construir um painel sobre a evolução dos estudos históricos sobre grupos étnicos, minorias sociais e comunidades imigrantes no Brasil. Destacando os trabalhos pioneiros de Roger Bastide e Gilberto Freyre, a primazia de antropólogos e sociólogos com a problemática, até chegar ao momento em que esse tipo de abordagem passa a conquistar espaços mais abrangentes entre os historiadores.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Etnoperiodismo; Imprensa.

Para efeito desta comunicação, e como advertência preliminar, uso o conceito de etnoperiodismo como um termo aberto e provisório para designar um campo de estudos, historiográfico ou não, que prioriza as análises sobre grupos étnicos, minorias sociais e comunidades imigrantes através da imprensa, com perspectivas, instrumentais teóricas e metodológicas advindas das modernas reflexões sobre etnicidade e/ou identidades étnicas, culturais e nacionais. Visto por esse ângulo, e se considerarmos alguns trabalhos de Gilberto Freyre, Virgínea Leone Bicudo e Roger Bastide, sua historicidade remonta à década de 1940, mesmo que entre os historiadores brasileiros não deixa de ser uma experiência recente, vivendo uma fase um tanto embrionária e circunscrita em pequenos universos acadêmicos de muito pouca visibilidade e articulação até mesmo no âmbito do expressivo campo disciplinar da História da Imprensa que passou a experimentar um considerável avanço temático e teórico-metodológico a partir de meados da década de 1990.

⁵⁰ Professor aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas e Pesquisador do Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto, Portugal. Trabalho destinado a participação no Grupo de Trabalho 5: Historiografia, sob coordenação da Profa. Dra. Carla Monteiro.